

TEATRO VARIEDADES  
EMPRESA ANTONIO DE MACEDO

MINISTERIO  
DA INSTRUÇÃO  
NACIONAL

*A Pobreza Envergonhada*  
15 de 12/1944

Censura  
E para Teatro Variedades  
C. B. de

ÇÃO DOS RESPECT

A POBRESA ENVERGONHADA

COMÉDIA EM 3 ACTOS

ORIGINAL DE:  
FERNANDO SANTOS  
E  
ALMEIDA AMARAL

DEZEMBRO 1944

Museu Nacional do Teatro  
BIBLIOTECA

A POBREZA ENVERGONHADA

1.º ACTO

CENA: Sale de uma velha moradia de um bairro burguês de Lisboa, que  
-----  
pode ser a Lapa. Moveis antigos, alguns meio desconjuntados.  
-----  
Um velho tapête no chão. O tecto da casa tem bocados de estu-  
-----  
que caídos. Nas paredes há grandes manchas de umidade sôbre o  
-----  
papel desbotado. Em cima de uma cómoda de barriga, um par de  
-----  
jarras da China e entre as jarras, numa redoma de vidro, um  
-----  
S. Sebastião de marfim, peça de imaginária antiga, de algum  
-----  
valor. Sente-se que em tempos esta casa foi abastada, mas a  
-----  
miséria anda por ali a fazer os seus estragos já há alguns  
-----  
anos. Portas á E. e á D. dando para o interior da casa. Uma  
-----  
porta ao F. dando para o corredor que comunica com a porta da  
-----  
rua. Ao subir o pano a cena está deserta. Momentos depois, en-  
-----  
tra Marian Izabel, rapariga de 22 anos, modestamente vestida,  
-----  
mas com umq resto de elegancia no seu traje pobre e velhinho.  
-----  
É uma rapruga viva e alegre.  
-----

M<sup>a</sup>.IZABEL

(Chamando) Maria ! Oh ! Maria !

MARIA

(Criada antiga, entrando) Menina Maria Izabel...

M<sup>a</sup>.IZABEL

A minha mãe...?

MARIA

Disse-me que ia á Baixa fazer umas compras e ainda não voltou.

M<sup>a</sup>.IZABEL

Lá fui pagar a renda. Era hoje o ultimo dia e o senhorio há que tempos que anda á espera de um descuido para nos pôr na rua.

MARIA

Parece impossivel ! Uns inquilinos tão antigos e depois de tantos favores que o seu paisinho lhe fez...

M<sup>a</sup>.IZABEL

Bem se importa ele com isso !... Eu bem sei que 200 escudos por um primeiro andar na Lapa, hoje, é barato.

MARIA

Ora... Hoje é barato mas quando o seu paisinho para cá veio morar, ha 30 anos, pagava uma renda de principe. Dá uma coisa para a outra.. (Depois duma pequena pausa) Disse-lhe que a varanda da cosinha que dá para o saguão está a cair ?

M<sup>a</sup>.IZABEL

Já me cansei de lhe dizer isso, e que os tectos estão pôdres, e que as paredes ressumam água, e que a casa está quasi inabitável. A resposta é sempre a mesma:- "Mudem-se. Obras não faço." - Mudar para onde, se nesta terra só se fazem prédios para ricaços ?!... Os que não podem pagar rendas caras estão sempre sujeitos a apanhar com um bocado de estuque em cima da cabeça ou a enfiar uma perna pelos buracos do sobrado. Não podem viver em casas. Têm de morar em pardi-eiros.

MARIA

Com que então, "mudem-se" ! Ai ! Se o seu paisinho fôsse vivo nada disto acontecia, tenho a certeza.

M<sup>a</sup>.IZABEL

Oh ! Se o meu pai fôsse vivo ! Tu lembras-te do que era esta casa no seu tempo ? Nunca fomos ricos mas não nos faltava nada. E pelo Natal, reoardas-te ? Os presentes choviam. Eram os casais de perús, as caixas de vinho do Porto, as salvas de prata, eu sei lá...:

MARIA

Olhe que não lhe davam tudo isso pelos bonitos olhos dele. O seu paisinho fez muitos favores a muito boa gente que hoje já se nem lembra dele. Tinha um logar muito elevado...

M<sup>a</sup>.IZABEL

Foi alguém, no nosso país ! Depois da sua morte falou-se ainda em pôr o seu nome na esquina duma rua. Pouco a pouco a sua memória foi esquecendo... Outro tomou o logar que ele desempenhava... A vida não pára. Só ficámos nós a lembrá-lo... e esta casa, de onde dia a dia vão desaparecendo as recordações que ele nos deixou.

MARIA

E o que é mais engraçado é <sup>hoje</sup> que as senhoras, que já no tempo dele tinham fama de ricas, ainda gosam da mesma fama.

M<sup>a</sup>.IZABEL

Ricas, nós ! Deixa-me rir ! Bem sabes que nunca o fomos. É certo que o paisinho ganhava bem e enquanto ele foi vivo fizemos uma vida larga. Mas hoje, com trezentos escudos do Monte-Pio-Geral e cento e vinte do oficial, só Deus sabe como temos vivido. Deus e tu.

MARIA

Venha-me cá a menina dizer a mim. Há um rôr de anos que não comemos senão carapaus. Eu até já ando desconfiada que em vez de falar, mio.

M<sup>a</sup>.IZABEL

E o futuro cada dia se nos apresenta mais nêgro ! A minha mãe já não é criança e não lhe ensinaram mais nada senão a ser boa esposa e boa mãe. Eu, só aprendi a ser filha obediente. O pouco de francês, de inglês e de piano que estudei em casa, não me servem para nada. Que vamos nós fazer ?

Maria

Ora !... Não pense nisso ! O futuro a Deus pertence, e Deus é grande. Não pense nisso.

M<sup>a</sup>.IZABEL

E tu, Maria... Coitada ! És também uma vítima da nossa infelicidade. Ha quantos anos não recibes os ordenados ?

MARIA

Não sei, nem me importa. Para que quero eu o dinheiro ? Até lhe tenho raiva. Por isso o ladrão foge das minhas mãos como a areia sêca por entre os dêdos. Mas não se apoquente que ainda vai haver muita alegria nesta casa. Quando a menina se casar com o senhor José Eduardo...

M<sup>a</sup>.IZABEL

Eu sei lá quando chegará esse dia. Depois ele tambem é pobre... e eu não posso deixar fêcar aqui a minha mãi sósinha... Tenho que pensar muito... Tu já sabes que ele vem hoje pedir licença a minha mãi para vir cá a casa ?

MARIA

(Assustada) Ai ! Não me diga outra.

M<sup>a</sup>.IZABEL

Porquê ? Parece que isso te contraria...

MARIA

Ai não ! Com aquela mania das grandezas que a sua mãisinha ainda tem, é capaz de lhe querer oferecer algum chá e cá por estes lados não vai o tempo para chazadas. A sua mãi julga que ainda estamos no tempo das vacas gôrdas.

M<sup>a</sup>.IZABEL

Oh Maria, nem calculas como eu fiquei contente quando ele me disse que vinha falar com a mãisinha. Casar !... Arrumar a minha vida ao lado de alguém que me estime e que me queira muito. Sair daqui para sempre e ir viver, numa casinha muito pequenina, muito alegre, onde o sol entre por todas as janelas... Só tenho pena de não me puder casar como eu sonhava. O meu casamento tem de ser muito modesto.

MARIA

Ora ! Mais rendas, menôs rendas, mais carruagem, menos carruagem, tão bem casados ficam uns como outros. Olhe, do padre, tanto se entende pagando caro como barato. Aquilo é tudo em latim.

M<sup>a</sup>.IZABEL

Se eu pudesse, sabes onde gostava de me casar ? Na Igreja da Estrela.

MARIA

E porque é que não ha-de ser ?

M<sup>a</sup>.IZABEL

Sim...Gostava de me casar lá, mas com muitos carros a acompanhar-me,

a igreja florida, cheia de casacas nêgras e de vestidos ricos. Eu descia á porta da Basílica, de uma carruagem branca, toda envolvida num grande veu branco, arrastando uma longa cauda de sêda branca ... (Pega num pano da mesa e prende-o na cintura) Assim... No côro, o orgão, depois da cerimônia, tocaria solenemente a marcha nupcial de Mendelson... (Canta) Trá-lá...lará...lá-lá...lá-lá.

(Vai avançando magestosamente, enquanto Maria lhe segura no pano da m<sup>ê</sup>sa que lhe serve de cauda do vestido. Pelo F., entra D. Belarmina Teles Pamplona e Sá. Tem cincoenta e poucos anos e veste um vestido de sêda completamente fóra de moda e de uma côr já desbotada. Na cabeça um chapéu inconcebível. Apesar de todo este ar de pobrêsa D. Belarmina tem um porte altivo e atitudes de grande senhora. A miséria não lhe abateu o orgulho. Ao ver a filha e a criada naquelas evoluções estaca á porta, surpreendida.)

D.BELARMINA

Que é isto ?

MARIA

(Dando com os olhos em D. Belarmina) A senhora ! (Larga imediatamente a pseudo-cauda do vestido.)

M<sup>a</sup>.IZABEL

(Correndo para ela, depois de tirar o pano da mesa da cintura) Oh ! Mãisinha !

D.BELARMINA

Continuem que o séquito ia flamante e o tempo vai mesmo bom para cortejos históricos.

M<sup>a</sup>.IZABEL

Desculpe... Mas estou tão contente... Tenho muito que lhe falar.

D.BELARMINA

Tambem eu. (Tirando a romeira e o chapéu) Uff ! Que calor ! Já se não pode andar de peles. Não pode, mas não tenho remédio senão andar com elas porque o vestido, coitadinho, já tem duas diuturnidades.

(a Maria) Menina: Vamos a contas que hoje vêm cá visitas de cerimônia

nia e temos que lhes oferecer um chá.

MARIA

Um chá ? Bem dizia eu.

M<sup>a</sup>.IZABEL

Quê ? A mãe já sabe...?

D.BELARMINA

Já sei o quê ?

M<sup>a</sup>.IZABEL

(Hesitante) É que hoje...mãisinha: Eu tenho muito que lhe dizer...

D.BELARMINA

Tambem eu. Mas nós já conversamos. (a Maria) Contas, contas, que eu quero saber a quantas ando.

MARIA

Então... Foram 5 escudos de carapaus... 6 carcassas... 22 escudos da electricidade. Ah ! Veio o azeite. Este mês distribuíram sete decelitros a cada pessoa... Para cá vieram dois litros e um decelitro

D.BELARMINA

Dois litros ? Mas para que quero eu tanto azeite ?

MARIA

É o que lhe compete no racionamento. Tem que se aguentar com ele.

D.BELARMINA

Mas se eu não pudesse levantar essa quantidade ?...

MARIA

Não lhe davam nenhum. E depois ? Como é que eu havia de fritar os carapaus, de fazer o molho para os carapaus assados, de temperar os carapaus cozidos, de refugar os carapaus e de fazer a açorda de carapaus ? Bem vê que é impossível.

D.BELARMINA

Valha-me Deus, valha-me Deus ! (a M<sup>a</sup>.Izabel) Tu pagaste a renda ?

M<sup>a</sup>.IZABEL

Paguei sim, mãisinha. Está aqui o recibo. (Dá-lho)

D.BELARMINA

Oito e dois dez, e 5 quinze e cinco vinte e vão dois, e um 3, e dois cinco...dois...Agora mais cento e vinte escudos das despezas destes oito dias temos...nada...5 e dois sete... dois e um três... para 420... Nada para nada,nada, sete para 12 cinco e vai um e 3, 4 para 4 nada... Está certo. Está certo e está bonito !... Quere dizer... Estamos a oito e temos cincoenta escudos até ao fim do mês...

M<sup>a</sup>.IZABEL

Bonita perspectiva, não haja duvida !

MARIA

Então já não se oferece chá ás visitas, pois não ?

D.BELARMINA

Qual não oferece ! Parece que é idiota. Havia de dar aos outros o espectáculo triste da minha pobreza ? Bem basta que sejamos nós a senti-la. Para o resto do mundo temos que manter sempre o mesmo aprumo, a mesma dignidade, para que se não diga que o meu chorado defunto não acautelou o nosso futuro e que a sociedade voltou as costas á familia de um homem notável. (Dando-lhe os 50 escudos, muito altiva) Toma. Compra o que fôr preciso. Para os de fóra, aqui, não há misérias.

MARIA

E para o jantar o que faço, minha senhora ?

D.BELARMINA

Para o jantar...para o jantar... Ainda sobraram carapaus fritos do almoço, não é assim ?

MARIA

Sim... Ainda lá estão alguns.

D.BELARMINA

Mete-os na máquina de picar e faz pasteis de bacalhau com eles. (Toque de campainha e logo a seguir, ouve-se fóra o pregão de -----  
"Ferro-velho".) Caiu como a sôpa no mel. Vai ver... se fôr o Batista, o que nos tem comprado aí vários objectos, manda-o entrar. (Maria sai.)

M<sup>a</sup>.IZABEL

Deve ser ele, pois então. O corvo não larga a porta. Ele e o Seabra